

maria lacerda de moura hoje

FLÁVIA LUCCHESI

Maria Lacerda de Moura. *A Mulher é uma Degenerada*. 4ª edição comentada. São Paulo, Tenda de Livros, 2018, 320p.

Em 1924, Maria Lacerda de Moura publicou pela primeira vez o livro *A Mulher é uma Degenerada* pela José Napoli & Cia, pequena editora localizada na Rua da Assembleia, em São Paulo. Ela vivia há poucos anos na capital paulistana e afirmava sua existência anarquista. Interessada desde a juventude em uma educação emancipadora, já se empolgara com a educação libertária, praticada pelos anarquistas desde o final do século XIX, e à qual fora apresentada por José Oiticica, em 1919, quando se encontraram na cidade mineira de Barbacena, onde Maria Lacerda lecionava. Mas foi sua chegada à capital industrializada, em meio às lutas dos trabalhadores contra os patrões e a exploração de crianças, mulheres e homens nas fábricas, que a levou a engajar-se na luta anarquista pela revolução social.

A Mulher é uma Degenerada foi reeditado no ano seguinte à sua primeira publicação, quando também foi traduzido para o espanhol como *¿La mujer es una degenerada?* e, em 1932, ganhou nova edição pela carioca Civilização Brasileira. A última e quarta edição, publicada pela Tenda de Livros, reproduz o fac-símile da edição anterior e traz comentários de pesquisadoras e artistas

Flávia Lucchesi é pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: flalucchesi@gmail.com.

Maria Lacerda de Moura hoje

anarquistas sobre a obra. A Tenda de Livros é um projeto voltado para a circulação de publicações de cultura e arte, levado adiante por artistas pesquisadoras. Não é uma editora convencional e não transita pelo mercado editorial, nem em grandes livrarias. Esta edição não teve nenhum apoio institucional ou financiamento.

Além de Fernanda Grigolin, organizadora da nova edição, mais seis mulheres apresentam suas leituras, destacando a atual contundência de muitos questionamentos e análises traçados por Maria Lacerda e, em uníssono, afirmam as reverberações do pensamento da libertária nas lutas anarcofeministas no presente. Margareth Rago, Samanta Colhado Mendes, Juliana Santos Alves de Vasconcelos, Carolina O. Ressurreição, Eloisa Torrão Modestino e Marian Mayumi Bartalini saúdam a obra e a existência de Maria Lacerda, e citam também outras libertárias que lutaram ao seu lado ou, simultaneamente, em outros lugares, assim como outras pesquisadoras contemporâneas que se dedicam a escavar essa história *menor* das mulheres anarquistas ao sul do Equador.

É notável o cuidado com a edição presente em cada detalhe do livro. A capa em vermelho e preto é resultante da pesquisa iconográfica e tipográfica da designer Laura Daviña, a partir das edições anteriores. Ao final do texto, há algumas imagens de documentos, como artigos escritos por Maria Lacerda na imprensa libertária e cartazes de divulgação de palestras. Junto ao livro, o leitor recebe um envelope com uma carta, destinada a Maria Lacerda em maio de 1925, assinada por “Aquela Mulher do canto esquerdo do quadro”. Esta autoria anônima, mas que não recorre a pseudônimos como era comum na época, instiga.

Seguindo algumas indicações presentes na publicação, chegamos à série “Aquela Mulher”, desdobramento da pesquisa “Arquivo 17”, também realizada pela doutoranda em Artes Visuais, Fernanda Grigolin.

“Arquivo 17” é um projeto de artes visuais elaborado a partir de pesquisas sobre as lutas dos trabalhadores no início do século XX, no Brasil, que culminaram na Greve Geral de 1917. O “Arquivo” contempla dezessete trabalhos que foram expostos no Museu da Imagem e do Som de Campinas, no ano passado, e estão disponíveis na internet. Dentre eles, Grigolin fez uma edição de imagens do documentário *Funerais do Comendador Nami Jafet* (1924), na qual localiza uma mulher – a mulher do canto esquerdo do quadro – em diferentes cenas da filmagem. A figura vira personagem e narradora, construída a partir da colagem das imagens e de registros das lutas e experimentações das mulheres anarquistas. Uma possível história que não foi escrita, que foi calada ou que se encontra, como tantas outras, à espera de alguém que a investigue.

Muitas mulheres estiverem na batalha contra a guerra social, no início do século passado. Impulsionaram as primeiras greves, revoltadas contra as explorações e violências às quais elas e seus filhos estavam submetidos. Rebelaram-se não somente contra a exploração do trabalho nas fábricas, mas também contra a condição de mãe e dona do lar, que não lhes deixava tempo para mais nada, nem mesmo para a leitura. Questões às quais Maria Lacerda também se dedicou com fôlego em *A Mulher é uma Degenerada*. Maria Lacerda foi uma intensa defensora da educação das mulheres como ação revolucionária e ampliação das práticas de liberdades.

Maria Lacerda de Moura hoje

Dentre todas essas mulheres libertárias no Brasil, Maria Lacerda é a mais conhecida. De algumas, sabemos os nomes e uma ou outra informação, conhecemos um ou outro escrito publicado na imprensa anarquista, mas da maioria sabemos muito pouco ou nada. A própria Maria Lacerda, como situa Margareth Rago no primeiro comentário desta edição, teve suas obras resgatadas apenas nos anos 1980, por Miriam Moreira Leite, na pesquisa *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura* (1984).

Samanta Mendes, autora da dissertação *As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)* (2010), lembrou a associação de Lacerda às irmãs Maria Angelina e Maria Antônia Soares e a Carolina Boni e Fidola Cuñado na formação do Grupo Pela Emancipação Feminina, em 1923, como um desdobramento da União das Costureiras do Rio de Janeiro, que fora fundada em 1919. A luta das anarquistas e os registros na imprensa libertária também foram objeto de estudo de Margareth Rago em *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*, desdobramento de sua dissertação de mestrado de 1984, e que também se encontra em sua quarta edição.

A historiadora Carolina O. Ressurreição procurou não fazer somente elogios à autora e sua obra, enfatizando que “o tempo de Maria Lacerda de Moura é, paralelamente, o de sua atualidade e de seu anacronismo. Se já foi moderno demais para seu tempo histórico, hoje se mantém relevante, mas caminhamos o suficiente para ter ressalvas ou atualizações de seu pensamento” (p. 23). O comentário da historiadora é um importante alerta, especialmente, para a atualidade do pensamento anarcofeminista de Maria Lacerda. Quase cem anos depois, estamos diante de outros embates. Mas a coragem da anarquista, suas

reflexões e análises singulares, certamente, podem nos atizar a não darmos sossego a nós mesmas, a não nos acomodarmos na defesa de causas fixas, a avançarmos.

Enquanto isso, o reacionarismo, o conformismo burguês, a crença na superioridade, por ela combatidos, parecem conservados ou se repetindo, em retrocesso, atualmente.

“A mulher é uma degenerada” foi uma frase do psiquiatra Miguel Bombarda em seu livro *Lições sobre a epilepsia e as pseudo epilepsias* (1896). A anarquista questionou sua tese sobre a degenerescência da mulher, a qual o médico via agravada pela educação e pela instrução, casos em que ele dizia só ser possível “salvar o útero”. Perseguindo uma razão científica, de certa forma atrelada a um desenvolvimento evolutivo, Maria Lacerda situou a noção de degeneração como uma decorrência das mazelas sociais e não de condições biológicas. Ela questionou a verdade científica que postulava uma degenerescência feminina inata. Assim como combateu a maternidade compulsória e a organização familiar da época. Para ela, a função materna da mulher era igual à paterna do homem, sem hierarquias, e para a qual ambos deveriam ser educados e preparados. Essa preparação para a maternidade e a paternidade poderia reduzir a carga depositada nas mulheres que, muitas vezes, sem condições materiais, acabavam por enjeitar seus filhos nas rodas dos expostos ou sobreviviam com eles na penúria.

Maria Lacerda de Moura escancarou que para o saber médico, o tipo humano legítimo era o tipo varonil, o que levava à legitimidade do uso da força masculina para domesticar, castigar e proteger *suas* mulheres e crianças;

Maria Lacerda de Moura hoje

assim como os animais e a natureza. Ela foi adepta do vegetarianismo e uma das primeiras pessoas a questionar a vivisseção, mais uma vez, confrontando a suposta a autoridade do saber médico. “Na atual sociedade as terras, os mares, as minas, a esposa, os filhos, as massas trabalhadoras, tudo é propriedade legal” (p. 143).

Sem se restringir às causas das mulheres, nesta obra ela se dedicou a demonstrar a incoerência das teorias raciais. Mostrou que tudo nesta ciência médica e antropológica era falho, cheio de contradições e postulações pretensivas, insustentáveis, “ridículas”. Estancou: “Poderíamos ir mais longe: a que chamam inferioridade?! A diferença?!...” (p. 50). Algumas comentadoras da obra lembram que a libertária foi também uma das primeiras pessoas a se engajar na luta antifascista na América do Sul. Em 1934, ela publicou o livro *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital*.

Maria Lacerda escreveu ativamente e teve muitas publicações, no Brasil e no exterior. Sua prisão, após a polícia de Getúlio Vargas invadir a comunidade anarquista em que ela vivia em Guararema, interior de São Paulo, em 1937, foi noticiada no jornal *Mujeres Libres*, na Espanha. Assim como muitos libertários, ela aprendeu outros idiomas lendo publicações da imprensa anarquista estrangeira. Em *A Mulher é uma Degenerada*, ela cita em italiano, francês e espanhol. Além do domínio autodidata de outros idiomas, ela estabelece conversas com os mais diversos autores, desde médicos até Rousseau, Kant e Stuart Mill, passando, é claro, pelos anarquistas. O que nos faz atentar para o fato de que quando ela falava sobre a importância da educação, da educação da mulher, não estava falando somente das Escolas Modernas, das quais era uma enorme entusiasta,

mas também da dedicação individual aos estudos, à leitura e à escrita, ao exercício reflexivo. Em relação à educação formal tradicional, Maria Lacerda se opôs ao que chamou de uma “fábrica de diplomas” e à Universidade como um lugar “velho e poeirento”, sem frescor. Mesmo que muito tenha acontecido neste âmbito nos quase cem anos que se passaram, suas críticas permaneceram pertinentes. Não somente as críticas, mas também a resistência proposta pela via do autodidatismo.

Rompendo com uma identidade de mulher e com a conduta esperada da mulher burguesa, sem concessões, a anarquista mostrou que as “melindrosas” e “patricias” sustentavam a sujeição feminina. A organização social burguesa, o capitalismo com a aceitação da fábula de que as mulheres eram naturalmente mais puras e frágeis, produziam as condições para a sua própria opressão e seu aprisionamento social, a fé mesmo para o acesso ao voto, em oposição ao feminismo de fachada de Bertha Lutz.

Outra crítica voraz de Lacerda de Moura, que ganha novos contornos hoje, é o combate à filantropia de burgueses que “caridosamente” doavam seus restos e excedentes aos pobres. Ela defendeu a solidariedade e a restituição como resistência às misérias produzidas pelo capitalismo. Nenhuma igualdade jurídica e política poderia acabar com os privilégios de meia dúzia de proprietários e de suas bibelôs protegidas, dizia ela.

Suas críticas ao casamento não eram restritas às famílias burguesas. Por sua própria experiência, ela conta que depois de se separar pôde se dedicar muito mais aos estudos e à escrita, uma vez que as tarefas relegadas à esposa roubavam-lhe todo o tempo. Após a separação, não houve

Maria Lacerda de Moura hoje

um rompimento, mas uma transformação na relação. Ela seguiu amiga de Carlos Moura, a quem dedicou todas as edições de *A Mulher é uma Degenerada*. Maria Lacerda propagou o amor livre e a obra do anarquista individualista Han Ryner para o Brasil, em seu livro *Han Ryner e o amor plural* (1928).

Para além dessas questões brevemente sinalizadas aqui, que são esmiuçadas na obra, outra temática que desponta como muito atual é a discussão entre a arte burguesa e a arte rebelde, à qual a autora dedica um capítulo inteiro do livro. Neste capítulo, ela mostra como a arte e a literatura burguesas se aliam à imprensa, vendem-se e compram-se, preocupam-se mais em bajular os críticos do que em se posicionar sinceramente. Retomando os gregos, ela afirmou que “o artista é criador. Criar é viver, é transformar-se” (p. 170), e constatou que o rebelde marca sua rebeldia em todas as suas criações e obras, o que está relacionado à coragem e aos sentimentos sinceros e livres, que compõem sua estética.

Maria Lacerda debochou dos burgueses que “se agarra[m] como ostra à democracia federativa ou parlamentar, como se isso fosse a última etapa de todas as civilizações, de todos os séculos por aí além. O Estado internacional, burguês e capitalista tem os dias contados, está claro” (p. 256). Talvez diante de todos os avanços, conservações e retrocessos, essa seja a questão que, durante esses quase cem anos, permaneceu na afirmação das lutas anarquistas e no temor dos burgueses e demais adutores do Estado e do capital.

A publicação desta edição comentada, além da própria obra, com suas questões pulsantes e pertinentes e o

registro de uma existência corajosa e combativa, apresenta a atualidade de Maria Lacerda e de suas lutas ao ecoar também pelas obras e lutas de cada uma das autoras que se compuseram esta edição. Pesquisadoras, educadoras e artistas que revigoram as memórias e (re)inventam suas práticas e embates no presente.